

DAZARANHA: O PERTENCIMENTO, A PRESERVAÇÃO E O UNIVERSO FANTÁSTICO EM SEU ÁLBUM DE ESTREIA

DAZARANHA: THE BELONGING, THE PRESERVATION AND THE FANTASTIC UNIVERSE IN THEIR DEBUT ALBUM

Samuel Lemes¹

Resumo: Neste artigo buscamos analisar musicalmente, a partir do campo da História e Música, três canções presentes no relançamento de “Seja Bem-Vindo”, álbum de estreia da banda florianopolitana, Dazaranha, lançado em 2000. Diferentemente de sua versão original lançada em 1996, esta versão contém, além das dez faixas iniciais, mais cinco faixas bônus. Identificamos a sonoridade original dos primeiros anos da banda, juntamente à aproximação lírica com três aspectos específicos referentes ao seu tempo e ao espaço em que habitavam, foram alguns dos responsáveis pela identificação da banda com a cidade de Florianópolis e a Ilha de Santa Catarina em si. Os aspectos citados, presentes em recortes de letras das canções do álbum são: a noção de pertencimento à comunidade; a preservação da Ilha de Santa Catarina; e a temática mito-mágica da cultura florianopolitana. A partir da metodologia desenvolvida por Marcos Napolitano, foram escolhidas para análise as canções “Mário César”, “Shau Pais Baptiston” e “Galheta”. Além delas foram utilizadas também entrevistas, depoimentos e matérias jornalísticas de época que nos ajudam a contar essa história, desde as origens humildes da banda no bairro Saco Grande, até o lançamento e repercussão do celebrado álbum. Concluimos que a união destes aspectos, foram responsáveis pelo imediato sucesso local da banda, elevada posteriormente ao posto de maior banda catarinense de todos os tempos.

Palavras-chave: Dazaranha; Cultura Ilhéu; Música catarinense; Florianópolis; Anos 90.

Abstract: In this article, we seek to analyze musically, from the field of History and Music, three songs featured on the re-release of “Seja Bem-Vindo”, the debut album by the Florianópolis band Dazaranha, released in 2000. Unlike its original version released in 1996, this version contains, in addition to the ten initial tracks, five more bonus tracks. We identify the original sound of the band's early years, together with the lyrical approach to three specific aspects related to their time and the space in which they lived, which were some of the reasons for the band's identification with the city of Florianópolis and Santa Catarina Island itself. The aspects mentioned, present in excerpts of the lyrics of the songs on the album, are: the notion of belonging to the community; the preservation of Santa Catarina Island; and the mytho-magical theme of Florianópolis culture. Based on the methodology developed by Marcos Napolitano, the songs “Mário César”, “Shau Pais Baptiston” and “Galheta” were chosen for analysis. In addition to these, interviews, testimonies and periodicals were also used to help us tell this story, from the band's humble origins in the Saco Grande neighborhood, to the release and repercussion of the celebrated album. We conclude that the combination of these aspects was responsible for the band's immediate local success, later elevating them to the position of the greatest Santa Catarina band of all time.

Keywords: Dazaranha; Islet Culture; Santa Catarina music; Florianópolis; Nineties.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: samuel.lemes1984@gmail.com

1- Introdução

A banda florianopolitana, Dazaranha é ainda hoje, mais de trinta anos após sua concepção, um dos principais nomes no cenário musical de Santa Catarina. A banda surgida entre agosto e setembro de 1992 no bairro Saco Grande, se destaca pelas misturas de ritmos tradicionais e pop, com elementos do rock, do reggae, da *surf music*, do samba, da capoeira, do folclore, influências da música nordestina e até da música clássica. O Dazaranha mescla também nos instrumentos que vão desde a percussão até o violino, passando pelos tradicionais, guitarra, baixo e bateria, a banda formou uma sonoridade original e emblemática que pôde ser conferida desde seus primeiros anos em apresentações ao vivo e posteriormente em gravações em CD.

Este estudo tem por objetivo associar o imediato sucesso local do Dazaranha não só à originalidade de seu som, mas também a três aspectos específicos de seu lirismo relacionados à identificação da banda com a cidade de Florianópolis. São eles: a noção de pertencimento com a cidade e sua comunidade em si; a preservação da Ilha de Santa Catarina; e por fim, o aspecto mito-mágico da cultura florianopolitana. Para isso, foram escolhidas para análise três canções publicadas no relançamento de “Seja Bem-Vindo” (RGE/RBS Discos - 2000), o primeiro álbum do Dazaranha. Este relançamento além de conter as dez faixas originais, inclui também mais cinco faixas bônus, das quais fazem parte a canção “Mário César”, analisada neste artigo juntamente às canções “Shau Pais Baptiston” e “Galheta”. Nossas análises serão elaboradas sobretudo, a partir da metodologia desenvolvida por Marcos Napolitano em seu livro “História e Música” (2002) com colaborações pontuais de outros autores e autoras sempre destacados em suas contribuições.

Antes disso, porém, passearemos pela história da banda, desde suas origens humildes no bairro Saco Grande, a receptividade de crítica e público nesses primeiros anos e enfim o lançamento e a repercussão do álbum. Utilizaremos de obras que abordam o assunto, além de reportagens de época, entrevistas e depoimentos de alguns membros da banda para alcançarmos o objetivo. O trabalho está dividido em quatro seções além da “Introdução”: “É Dazaranha Quem? Quem É Que É Dazaranha?”; “Seja Bem-Vindo, O Primeiro Disco”; “Metodologia de Análise” e “Considerações Finais”. Optamos, ainda, por dividir a seção, “Metodologia de Análise”, em mais três subseções, a saber, “Análise 1: “Mário César” e o Pertencimento à Comunidade”; “Análise 2: “Shau Pais Baptiston” e a Preservação da Ilha” e “Análise 3: “Galheta” e o Universo Fantástico”. Desta forma, acreditamos poder desenvolver satisfatoriamente e de maneira apropriada o objetivo proposto.

2- É Dazaranha quem? Quem é que é Dazaranha?

Para contarmos a história do Dazaranha, temos que começar por seus membros originais, ao todo eram sete integrantes: Francisco Lázaro dos Santos Martins, “Chico”, (guitarra solo), Fernando Sulzbacher (violino), Adauto Luiz Charnesky (baixo), José Caetano da Silva “Zé” (bateria), além dos irmãos Sandro Adriano da Costa, “Gazu” (violão e vocal), Moriel Adriano da Costa (guitarra) e Gerry Adriano da Costa (percussão).

Já o nome, “Dazaranha”, possui duas histórias que se entrelaçam para explicar o batismo da banda. A primeira, de acordo com Moriel, relaciona-se com o período em que estudava educação física. Na época, uma colega, Luciana Cândido, teve a ideia de montar uma banda só de meninas e colocar, justamente, o nome Dazaranha. Como seu projeto não foi à frente, o percussionista Gerry, ficou encarregado de pedir autorização para usar o nome no projeto que ele, seus irmãos e os amigos estavam montando. Com a resposta positiva de Luciana, a banda Dazaranha passou a existir de fato. (Dazaranha, 2021[a], 01 min. 22 seg.) Segundo o guitarrista Chico Martins, no entanto, o nome surgiu no período em que os integrantes acampavam com frequência no morro das aranhas, situado no costão da praia do Moçambique. Conforme suas palavras:

Pelo fato da gente ter que passar o dia aqui, por não ter tecnologia, o cara tem que ser casca grossa. E depois esse casca grossa foi meio que apelidado: “Ah esse é Dazaranha, esse é Dazaranha, esse é casca grossa.” Porque aqui não tem tecnologia, tu tem que te virar com as coisas que tu tem aqui. E esse adjetivo foi também gerando o nome do Dazaranha, né. (Dazaranha, 2021[a], 01 min. 40 seg.).

Este segundo significado foi percebido por Guilherme Gustavo Simões de Castro (2009, p.29), em sua dissertação de mestrado, intitulada “A banda Dazaranha: Circuito musical e espaço cultural em Florianópolis na década de 90”, na canção “Padre”, de Moriel Adriano da Costa. A faixa, que abre o primeiro álbum da banda e cujo trecho aproveitamos para dar título a essa seção do trabalho, contém a seguinte estrofe.

É Dazaranha quem? Quem é que é Dazaranha? Dazaranha quem?
Come feijão com detergente
Dorme na chuva e dorme contente
Não confunde coca com coca,
Coca com coca
E faz de cócoras

Nos primeiros anos, antes do lançamento do primeiro álbum, o Dazaranha teve que se esforçar com pouco ou nenhum incentivo, exceto o da própria comunidade do Saco

Grande, onde foi concebida. A banda ensaiava, com muita dificuldade, no centro comunitário do bairro, como explica, Chico Martins, “[...] tinha um segundo andar lá, que era de concreto e com parede salpicada, sem janela sem nada, Tinha uma tomadinha, a gente levava nossos instrumentos, subia a escada de dois andares e ensaiava ali”² (Castro, 2007, p.55).

Mas as coisas melhoraram ainda nessa primeira fase da banda quando conseguem, com o apoio da comunidade, o tão sonhado e necessário estúdio de gravação e ensaio. Ainda segundo o guitarrista, foi o “Banha [...] um gurizão lá da vila” que deu a ideia de ensaiarem em um “estúdio” próprio: “O Banha viu o Adauto passando com um carrinho de mão, com o amplificador dele [...] e falou: - Ah, por que vocês não ensaiam lá na caixa d’água cara, tá lá abandonada”³. A caixa d’água, localizada na Vila Ivan Mattos, entre os bairros Saco Grande e Itacorubi, pertencia à prefeitura de Florianópolis e estava abandonada há muitos anos devido ao advento do abastecimento de água encanada pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casan), a partir de 1970. Toda essa jornada não foi esquecida pelo Dazaranha, e o apreço que a banda tem pela comunidade do Saco Grande, em particular, aparecerá mais adiante na letra da canção “Mário César”.

Mesmo sem músicas lançadas oficialmente, o desempenho da banda em apresentações ao vivo começa a ganhar atenção da mídia, com chamadas em jornais de grande circulação como o “Diário Catarinense”, por exemplo. E no dia 1º de março de 1994, o anúncio para um show no “Berro Bar”, no caderno Variedades, escrito por Cacau Menezes sugere o tipo de público que se interessava pela banda: “O Berro Bar, tradicional ponto de encontro de músicos e universitários, reabre suas portas [...] promovendo uma grande festa com show das bandas Índice e Dazaranha” (Souza, 2014, p.43). “Músicos e universitários”, citados na chamada, indicam a presença do público jovem como maiores interessados no som da Banda (Souza, 2014). Anteriormente a isso, mas ainda em consonância com essa ideia, a reportagem de Adriana Martorano para o jornal “Zero” do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina em 6 de setembro de 1993, afirma que “O Dazaranha é uma das bandas de maior sucesso atualmente em Florianópolis” (Martorano, 1993, p.12). Na mesma matéria e página, o baterista Zé Luis, da banda de *thrash metal*,

² Entrevista feita por Guilherme Gustavo Simões de Castro, com Francisco Martins, guitarrista do Dazaranha, realizada na casa do músico em 05 de fevereiro de 2007.

³ *Ibden*.

Motherfucker ressalta: “Estou aqui porque o Dazaranha merece todo o apoio, eles têm um som muito original”.

Mas, apesar de já apresentarem algumas canções próprias, com “um som muito original”, o repertório da banda ainda era composto majoritariamente por covers. A mudança ocorre devido a boa receptividade do público e da crítica com as canções autorais, levando a banda a investir em suas próprias músicas. Isso fica evidente na matéria “Dazaranha, uma ode à Praia Mole” publicada no “Diário Catarinense” em junho de 1994.

[...] No Boulevard da Lagoa, lá em cima, com a vista maravilhosa ao alcance dos olhos, os ouvidos poderão estar atentos ao som da banda Dazaranha. O grupo dispensaria apresentações – já que é, talvez, o que mais fãs reúne na Ilha – mas a gente tem de dar um toquezinho aqui. Investindo no profissionalismo, a Dazaranha vem colocando, aos poucos, as versões e *covers* (aaargh!) em segundo plano e investindo em suas próprias composições (Souza, 2014, p 44).

A onomatopeia, “aaargh!”, na reportagem demonstra uma espécie de repulsa, de desgosto com as músicas covers, indicando desde esse princípio a boa recepção que as composições próprias recebiam. Outro exemplo bastante claro e que reforça essa ideia, saiu em matéria do jornal “Diário Catarinense”, na edição de terça-feira, 30 de agosto de 1994. Na matéria, que divulga uma apresentação do Dazaranha no Teatro Álvaro de Carvalho, no centro de Florianópolis, lê-se: “Mesclando funk, reggae, baião, música clássica e ritmos de capoeira, a banda criada em 1992 apresenta um “produto final” bastante diferenciado e autêntico” (Castro, 2009, p.51). A expressão “um “produto final” bastante diferenciado e autêntico” confirma a impressão geral do bom trabalho que a banda vinha fazendo.

Com isso surge a possibilidade de participar da coletânea “Ilha de Todos os Sons” (RGE/RBS Discos - 1994), um álbum lançado em CD e LP com a participação de diversas bandas catarinenses, entre elas “Stonkas e Congas”, “Índice” e outras. Nele, o Dazaranha apresenta a música “Retroprojeto”, sendo essa sua primeira canção lançada oficialmente, ainda que este não fosse um lançamento exclusivo da banda. Neste mesmo ano, o Dazaranha grava despretensiosamente uma fita K7⁴ em um show na Sociedade Amigos da Lagoa (SAL). A fita, no entanto, foi amplamente pirateada⁵ expandindo a forma de difusão do material da banda. Apesar de ser chamada de fita “demo”, o guitarrista, Chico Martins, explica que esse

⁴ Algumas canções desta fita foram digitalizadas e publicadas no canal Marcelo Vie no Youtube. As músicas são: “Mário César”, “Chapa Lua”, “Sapato”, além de um arquivo com as canções “O dia” e “O Beijo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/@mvieira2303/videos> Acesso em: 10 abr. 2025.

⁵ Para detalhes sobre as transformações observadas na produção e na distribuição de música gravada a partir do problema da pirataria, ler JARDIM, Lucas Bernasconi. A pirataria de música gravada e a indústria cultural. 2014. 162p. Dissertação (Ciências Sociais). Unifesp, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/9f9e860c-38c9-416d-a7d4-c9193af8e2ff> Acesso em: 04 abr. 2025.

não é um termo adequado: “[...] A gente chama de fita demo, né, mas não era uma fita de demonstração, era um registro que foi feito até aleatoriamente e que viralizou na ilha assim né, naquelas proporções orgânicas, vamos dizer” (Dazaranha, 2021[b], 02 min. 27 seg.).

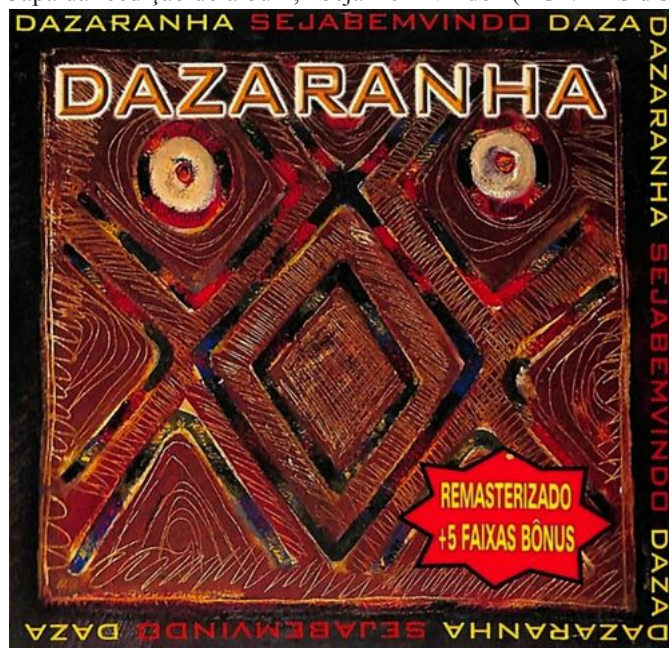
Desta forma, em 1994, além das músicas executadas ao vivo, o público teria a oportunidade de ouvi-las em casa, contudo ainda precisariam esperar mais dois anos pelo tão aguardado primeiro lançamento oficial exclusivo. Lançamento esse que causaria uma ótima impressão, mantendo a boa receptividade do trabalho da banda.

3- Seja bem-vindo, o primeiro disco

Em fevereiro de 1996, a banda lança pelo selo RGE/RBS⁶, “Seja Bem-Vindo”, o tão aguardado álbum de estreia, contendo dez músicas autorais que reforçam a mistura de ritmos que já vinha sendo demonstrada nas apresentações ao vivo. Na parte visual, a capa do álbum traz a ilustração do artista plástico Janga, que se inspirou em inscrições rupestres da Ilha de Santa Catarina. O desenho também aparenta o rosto de um caburé, coruja comum no território ilhéu (Castro, 2009, p.65). A capa da reedição do álbum, lançada quatro anos depois, manteve a arte original, acrescentando apenas, no canto inferior direito, a informação “remasterizado + 5 faixas bônus” em uma espécie de balão *splash* vermelho, comum em histórias em quadrinhos.

⁶ A RGE (Rádio Gravações Especializadas) foi uma gravadora fundada em meados dos anos (19)40 por José Scatena e Cícero Leuenroth. Em 1965 a gravadora foi comprada pela Fermata do Brasil e, posteriormente, em 1980, vendida para a Som Livre, gravadora do grupo Globo, da qual a RBS (Rede Brasil Sul) era afiliada. Em 2000, finalmente encerrou suas operações com o selo passando a ser utilizado apenas em relançamentos do seu catálogo. Ver: PAIVA, José Eduardo Ribeiro de. Vacinado com agulha de vitrola: os anos dourados da gravadora RGE. In: Irineu Guerrini Júnior e Eduardo Vicente (Org.). Na trilha do disco: relatos sobre a indústria fonográfica no Brasil. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2010. pp. 9-22.

Figura 1: Capa da reedição do álbum, “Seja Bem Vindo” (RGE/RBS discos, 2000).



Castro (2009, p.65)

Na parte interna do encarte da versão original, vê-se, de fato, a foto de uma inscrição rupestre localizada na Ilha das Aranhas. O registro rupestre no encarte se assemelha, levemente, a um sorriso em uma boca muito grande com vários olhos logo acima.

Figura 2: Parte interna do encarte do álbum “Seja Bem Vindo” (RGE/RBS discos, 1996).



Castro (2009, p.65)

Segundo Castro (2009, p.71-72), “O disco, que era requerido pelos fãs do grupo, foi transformado em clássico imediatamente. Os cinco mil CDs da primeira edição esgotaram-se

rapidamente das lojas da cidade”. O sucesso local fez com que o Dazaranha alcançasse novos patamares a nível nacional, inclusive com reportagem no jornal “O Estado de São Paulo”. Nela, em 13 de junho de 1996, o jornalista Ricardo Alexandre escreve as seguintes palavras numa seção intitulada “O mundo maravilhoso do alternativo”:

O Dazaranha chegou de Florianópolis. Se você está atrás de opções para a galera do Recife, com tanto potencial para o hype, pode se sintonizar nos grupos de Florianópolis que começam a chegar ao CD como o grupo Dazaranha e seu primeiro disco, Bem-Vindo. A banda tem a manha de criar melodias fáceis em arranjos potentes e vocação para embalar as menininhas desinformadas e também a moçada udigrudi. O Dazaranha tem aquela malemolência de quem ensaia olhando para o mar e ainda assim parece disposto a casar informações tão dispares quanto Alceu Valença com reggae, em excelentes faixas como Padre e Muralhas Brancas (Castro, 2009, p.32).

Apesar da ironia em afirmar a “vocação para embalar menininhas desinformadas” e do nome do álbum estar escrito de forma incorreta, o certo seria “Seja Bem-Vindo”, e não “Bem-Vindo”, o comentário é positivo ao apontar a mescla de referências e se colocar como alternativa a “galera do Recife”, que naquele momento, com o Mangue Beat aparecia como um grande movimento artístico, com bandas como Nação Zumbi e Mundo Livre S.A.

Assim, entre os anos de 1996 e 1998, o Dazaranha se consolida no mercado musical e estabelece importantes contatos no cenário nacional. O produtor e guitarrista Luis Carlini, ex-Tutti-Frutti, banda de Rita Lee entre 1973 e 1978, e o renomado músico Jorge Ben Jor são exemplos. Ambos participariam em 1998 de “Tribo da Lua”, o segundo disco da carreira da banda, onde Carlini é o produtor e Ben Jor aparece cantando a música “Te Liga”. “Tribo da Lua” foi o maior sucesso comercial do Dazaranha com mais de cinquenta mil cópias vendidas, o que lhes rendeu um disco de ouro, fato único na música catarinense. Ou seja, o álbum de estreia, “Seja Bem-Vindo”, foi o que possibilitou estas ~~grandes~~ conquistas posteriores.

E é justamente esse álbum que vamos analisar. Porém, nossa análise se dará, não na edição original, mas na edição de relançamento do álbum, publicada em 2000, quando além das dez músicas lançadas originalmente, a banda acrescentou mais cinco faixas bônus.

- 01- Padre
- 02- Shau Pais Baptiston
- 03- Mamica
- 04- Galheta
- 05- Novos Ditados
- 06- Equilíbrio
- 07- Seja Bem-vindo
- 08- Chevrolet
- 09- Muralhas Brancas

- 10- Café com Muralhas
- Faixas bônus**
- 11- Cubo
- 12- Tsé
- 13- Mário César
- 14- Novos Ditados (regravação)
- 15- Galheta (regravação)

Quanto às letras dessas canções, elas continham temáticas diversas, dentre elas a vida do sujeito praiano, descolado e sem preocupações, da tríade estereotipada pelo *rock n' roll*, junto do sexo e das drogas, mas também do sujeito urbano que vivenciava a expansão demográfica da cidade e denunciava os malefícios que esta trazia para a ilha de Santa Catarina. Mas uma característica em particular chama a atenção. Em geral, suas letras são escritas nem sempre de forma linear, o que de certa forma dificulta uma análise musical (pelo menos no que diz respeito ao lirismo) que englobe a totalidade de seu conteúdo. Foi por isso que destacamos analisar recortes de letras e não letras em sua totalidade, pois como veremos a seguir, devido a forma de escrita do Dazaranha nesse primeiro disco, isso necessitaria de um maior aprofundamento na pesquisa, tornando o artigo demasiado extenso.

4- Metodologia de análise

Como citado, das diversas temáticas abordadas nos primórdios do Dazaranha, destacaremos aqui apenas trechos que as liguem a três pontos específicos: o pertencimento à comunidade; a preservação da Ilha de Santa Catarina; e o universo mito-mágico que cerca o imaginário da população florianopolitana. Esse entendimento é de suma importância para a análise musical das canções, pois segundo Marcos Napolitano, “A escolha das canções constitui parte de um “corpo” documental que deve estar coerente com os objetivos da pesquisa” (Napolitano, 2002, p.94). E como ~~nossa~~ (a) pesquisa baseia-se ~~nos~~ (nesses) três aspectos ~~acima~~ citados, não podemos fugir a esta perspectiva, afinal, “é fundamental em História, a articulação entre “texto” e “contexto” para que a análise não se veja reduzida, reduzindo a própria importância do objeto analisado” (Napolitano, 2002, p.77).

Assim, além das canções em si, devemos nos ater também no cenário geral do período para não cairmos justamente nessa redução do objeto de estudos. Ou seja, uma análise musical que leva em consideração apenas aquilo que está posto na canção, seja técnica ou esteticamente, não pode satisfazer o pesquisador que busca o campo da História e Música, pois, “Reflexões sobre a relação intrínseca da música com o tempo projetam aquilo que pode

ser considerada a maior afinidade desta forma artística com a história: o próprio tempo” (Batista, 2013, p.13).

Não obstante a isso, uma das dificuldades na análise musical, referente às letras do Dazaranha em específico, é que a banda:

[...] apresentava uma característica própria ao escrever algumas das letras de suas canções, com várias frases “soltas”, que, isoladas, muitas vezes não tinham um sentido, mas que no todo, mostravam consistência. Outras letras, ao contrário, repetem a estrutura de frases e estrofes soltas, mas sem uma amarração que possibilite análises mais precisas do que se quer transmitir. Assim, algumas canções não passam exatamente uma mensagem direta e linear, mas mostram referências sobre determinados assuntos ou situações (Souza, 2014, p.49).

Isso faz parte do desafio que o pesquisador em História e Música deve lidar a partir deste campo historiográfico. Ao buscar compreender uma obra musical, situando-a no tempo, e buscando com isso uma análise coerente com os objetivos de sua pesquisa, o historiador ou historiadora está mapeando “as camadas de sentido embutidas numa obra musical, bem como suas formas de inserção na sociedade e na história [...]” (Napolitano, 2002, p.77). O desafio parte justamente do fato que essas camadas de sentido e formas de inserção não estão, muitas vezes, presentes nas letras das canções.

Além das dificuldades resultantes da análise lírica das canções do Dazaranha, devido a essa particularidade na forma de escrita da banda, o pesquisador em História e Música “deve levar em conta a “dupla natureza” da canção: musical e verbal” (Napolitano, 2002, p.80). O que torna a tarefa ainda mais complicada, visto que o aprendizado do manejo com a linguagem musical não faz parte da rotina do historiador. Por outro lado, a diversificação das fontes históricas, em meados do século XX, possibilitou que profissionais dessa área pudessem elaborar critérios diversos com o intuito de estudar essas novas linguagens. “Deste modo, mesmo não sendo músico ou musicólogo com formação apropriada e específica, o historiador pode compreender aspectos gerais da linguagem musical e criar seus próprios critérios, balizas e limites na manipulação da documentação” (Moraes, 2000, p.210).

Ainda nesse sentido, há de se levar em consideração também que uma análise histórico-musical deve se preocupar, sobretudo, em repelir “[...] ao mesmo tempo, as simplificações e mecanicismos analíticos que podem deturpar a natureza polissêmica (que possui vários sentidos) e complexa de qualquer documento de natureza estética (Napolitano, 2002, p.77). E é com isso em mente, que “[...] pesquisadores espalhados pelo mundo trabalham buscando soluções para análises que contemplem de forma cada vez mais

satisfatória “letra e música”, “contexto e obra”, “autor e sociedade”, “estética” e “ideologia” (Batista, 2013, p.24).

Assim sendo, a partir destas contribuições metodológicas e levando em consideração os pontos apresentados, demonstraremos as análises musicais, no intuito de associar o imediato sucesso local, que posteriormente elevou o nome “Dazaranha” ao status de maior banda catarinense em atividade, aos três aspectos já mencionados, além, é claro da sonoridade própria e original que a banda vinha apresentando à época.

4.1- Análise 1: “Mário César” e o pertencimento à comunidade

Diversos são os exemplos onde o Dazaranha cita regiões geográficas da Ilha ou narra situações cotidianas de suas vidas enquanto nativos. Outros exemplos mostram situações vivenciadas por amigos em sua comunidade, demonstrando assim, um forte teor de pertencimento com o ambiente urbano e praiano em que viviam. Uma das mais emblemáticas dentro dessa perspectiva é a canção “Mário César”, de Moriel Adriano da Costa e Fernando Sulzbacher, que apesar de não ter entrado na versão original do álbum, já vinha sendo tocada desde, pelo menos, 1994, como indica sua presença na fita k7 do show na SAL.

O Mário César foi desenhado na parede da borracharia.
O Mário César é um negro de lábios grandes
Cego de um olho
Um dia eu olhei no fundo do fundo do olho cego do Mário César
E percebi que ali havia um grande coração
O Mário César foi desenhado na parede da borracharia.
Árabes invadiram o Porto do Saco Grande
Em uma noite de nevasca, quem fez a intervenção
Foi o Príncipe Salomé
Helicópteros vindos de Criciúma trouxeram uma linda mensagem,
Que a cada três verões, um, as pontes seriam bloqueadas
E o sossego voltaria
Para os moradores daqui.
O Mário César foi desenhado na parede da borracharia.
Peitinho é apelido, o nome é Acelino
O itacorubi, o ita, o itacorubi, o ita

Essa canção pode ser interpretada a partir da noção de pertencimento com o local, pois, “Ressaltar e repetir os discursos da identidade, da tradição, são formas de afirmar as identidades, no caso do manezinho, são enfatizados lugares que somente quem é morador há tempos conhece [...]” (Mota, 2018, p.177). Nesse sentido, destacamos o desenho de Mário César (um personagem real), feito na parede de uma borracharia no bairro Saco Grande. No jornal “Fútio-Indispensável” de março de 1995, encontra-se uma foto do personagem em

frente ao desenho. Nele, Mário César aparece com um vestido, uma bolsa e segurando uma flor na mão direita, indicando uma grande sensação de intimidade no seio da comunidade.

Figura 3: Desenho de Mário César na borracharia



Jornal "Fútió-Indispensável". Março de 1995. (Castro, 2009, p.53)

Essa representação do personagem Mário César, é uma representação legítima do habitante da Ilha de Santa Catarina, lembrando que na década de noventa "não há mais uma identificação específica com determinado tipo de cultura, mas uma miscelânea de componentes culturais que influem na construção de novos sujeitos" (Souza, 2014, p.115). Essa mudança sociocultural, representada aqui na canção, está de acordo com Napolitano (2002, p.77) quando o autor nos diz que "Em seus diversos matizes, ela (a canção) tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas sobretudo das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas".

Além da borracharia no bairro Saco Grande, nota-se na letra, menções (ainda que não nomeadas) às pontes Colombo Salles e Pedro Ivo, e ao bairro Itacorubi, locais que um ouvinte de fora de Florianópolis poderia não conhecer ou mesmo saber o que são, no caso do bairro da região central. Assim conhecer, vivenciar, mas principalmente cantar em suas letras sobre essa localidade e essa população pode ser interpretado como uma maneira de demonstrar pertencimento ao lugar que desde os primórdios os acolheram de forma muito

generosa, devido não só às letras, mas também à qualidade e originalidade musical expressas pela banda.

Em “Mário César” podemos atestar essa originalidade, a canção é tocada no estilo reggae, porém como era característico da musicalidade do Dazaranha, ela tem uma levada muito original que a diferencia do reggae tradicional. Com marcações espaçadas no prato, uma guitarra fazendo base e um violino em notas graves. A canção não tem uma introdução propriamente dita, assim o vocal de Gazu inicia imediatamente após o começo da canção. É somente após o refrão inicial se repetir por duas vezes que o ritmo percussivo da bateria preenche o arranjo, se aproximando assim, minimamente, do formato tradicional do reggae. Não queremos dizer com isso que a canção torna-se um reggae em sua forma mais tradicional, aqui o violino incessante, agora em notas agudas, e principalmente o vocal quase falado, levam a canção por caminhos distintos do estilo jamaicano. O baixista Saulo “Butch” Reis, da banda “Hogs”, contemporânea do Dazaranha, atesta essa originalidade. Em 1993, ao comentar sobre a banda formada há pouco no bairro Saco Grande, ele afirma: “É a primeira banda de Floripa que tem identidade própria, que faz som sem se espelhar em quem quer que seja” (Martorano, 1993, p.12).

Dessa forma, o Dazaranha apresenta não apenas sua noção de pertencimento com a cidade, como também insere um personagem que pode ser identificado em diversas localidades da ilha naquele período. Assim, a banda aproxima o público local de seu trabalho, através tanto da qualidade e originalidade do seu som quanto dessa identificação com a região e sua população.

4.2- Análise 2: “Shau Pais Baptiston” e a preservação da ilha

Dentre as canções analisadas, “Shau Pais Baptiston”, faixa dois do álbum, aparenta ser a mais original, no sentido de ser uma música de difícil associação a qualquer gênero musical específico e isolado, embora a influência do *rock n’ roll* seja a mais notável. Sua letra, cuja importância para nossa análise dá-se por conter uma citação referente à preservação da fauna, a frase, “Protejam as tartarugas”, é mais uma daquelas do Dazaranha que “[...] não passam exatamente uma mensagem direta e linear, mas mostram referências sobre determinados assuntos ou situações” (Souza, 2014, p.49). Vejamos a letra em sua totalidade:

Temos o direito de sofrer

Temos o direito de cantar
Como todos cantam
Cantariam, canta o galo
Quanto fumo fumaram
Na Cantareira, no Canto da Bia
E no Canto dos Araçás
Lua crescente, é gente comendo gente
É tanta gente fria
Mas é tanta gente quente
Com muita luz
Com pouca bunda
Shau Pais Baptiston é irmão de Pedro Luaçu
Tudo bem, tudo bem, tudo bem, tudo bem,
Ubatuba, Guaratuba, Ubatuba, Imbituba, Caraguatatuba,
Protejam as tartarugas
Quem senta na banquetta toca bossa nova
Quem senta na tua, no teu, não sou
Eu to de barriga pra cima
Paba Garopaba, o coco caiu na cabeça do velho nativo
Dona Izaura dava presente
Pra mim, pra ti, pra repartir pra nós

O trecho em questão, “Protejam as tartarugas”, conversa tanto com a musicalidade/lirismo do Dazaranha (preservação ambiental nas letras) quanto com o período histórico (segunda metade dos anos 90) e com o ambiente onde viviam e ainda vivem seus integrantes (área litorânea). A época citada é quando se ampliam os estudos que relacionam a pesca à captura incidental das tartarugas marinhas, relação essa que traz malefícios tanto para a atividade pesqueira quanto para a vida dessas espécies de tartarugas. “No final dos anos 90, a pesca já era apontada internacionalmente como a maior ameaça às tartarugas marinhas.”⁷

A amplificação das vozes, a nível mundial, que pautavam a preservação da espécie no período de lançamento do álbum “Seja Bem-Vindo”, remete, especialmente em Florianópolis, ao projeto Tamar (Tartarugas Marinhas)⁸ que apesar de não ter de fato ainda uma base na capital catarinense (o que só foi ocorrer em 2005), já existia desde 1980 realizando trabalhos no litoral sul brasileiro. “A partir dos anos 90, com a criação das primeiras bases de pesquisa em áreas de alimentação, a Fundação Projeto Tamar começou a trabalhar de forma mais intensa com a captura incidental de tartarugas nas diferentes modalidades de pesca”⁹.

⁷ Informação coletada no site oficial do projeto. Disponível em <https://www.tamar.org.br/interna.php?cod=73>
Acesso em: 04/05/2025.

⁸ A Fundação Projeto Tamar é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos. Está presente em 23 localidades distribuídas em oito estados brasileiros e desenvolve ações de pesquisa, manejo e proteção das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, além de atividades de envolvimento comunitário, inclusão social, sensibilização e educação ambiental, valorização da cultura local, entre outras. Informação coletada em: <https://www.tamar.org.br/interna.php?cod=63> Acesso em: 04/05/2025.

⁹ Informação coletada no site oficial do projeto. Disponível em: <https://www.tamar.org.br/interna.php?cod=73>
Acesso em: 04/05/2025.

É nesse período também, que em 1998, é promulgada a Lei nº 9.605/98 que em seu artigo 29 proíbe: “Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida.” Decretando como pena, “detenção de seis meses a um ano, e multa” (Brasil, s/p. 1998). Ou seja, na questão lírica, em “Shau Pais Baptiston”, o Dazaranha absorve uma pauta que diz respeito tanto ao seu tempo quanto ao seu local de morada e tudo isso é feito demonstrando bastante maturidade na construção de seus arranjos e composições.

A música começa com o contrabaixo soando, acompanhado também do soar dos pratos de ataque da bateria, em seguida temos a entrada da guitarra em destaque tocando com um efeito que emula a influência da música indiana. Essa passagem vai se repetir diversas vezes na canção e toda vez trará consigo uma mudança bastante significativa no clima da música. Passados aproximadamente dez segundos, a presença do vocal, numa melodia quase falada, “discursando” a letra, antecede o preenchimento total do arranjo. Uma reversão marcada por 2 tempos anuncia a entrada da bateria, das percussões com os bongôs, dos violinos e de um *riff*¹⁰ de guitarra bastante pesado com notável influência de heavy metal. Esse *riff* pesado e marcante será tocado pelo violino juntamente à guitarra a cada vez que o vocalista Gazú, cantar o título da canção na letra. Quer dizer, *riffs* de *heavy metal* na guitarra, percussões preenchidas com bongôs, influência de música indiana, violinos e uma letra aparentemente *nonsense* tornam de fato a associação a qualquer gênero musical específico e individualizado, uma tarefa difícil a quem se habilitar a tentar.

Assim, “Shau Pais Baptiston” torna-se um exemplo bem característico da postura lírica e musical da banda. Primeiro demonstrando preocupações, já citadas, referentes ao seu tempo e ao espaço em que habitavam, e segundo apresentando uma miscelânea de ritmos e sons que classificavam o grupo como uma banda realmente original.

4.3- Análise 3: “Galheta” e o universo fantástico

¹⁰ Segundo Maria Cecília Cavalieri França (2012, p. 74), “Riff é um motivo marcante que geralmente aparece na introdução e se repete durante a música, conferindo-lhe identidade.” A título de exemplos podemos citar *riffs* marcantes na história da música como, “Smoking in the Water” do Deep Purple, “Paranoid” do Black Sabbath e Back in Black do AC/DC. Para detalhes sobre o uso de *riffs* de guitarra na sala de aula, ver: FRANÇA, Cecília Cavalieri. Riffs forever: o rock na sala de aula. Música na Educação Básica. ABEM, Londrina, v.4, n.4, nov. 2012. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/135/57> Acesso em: 02 ago. 2025.

A música “Galheta”, composta por Moriel Adriano da Costa, ocupa a faixa quatro do álbum “Seja Bem-Vindo” (RGE/RBS Discos - 1996), ela foi lançada também em uma regravação na reedição do álbum em 2000. Sua letra descreve uma série de seres mitológicos em uma noite na praia da Galheta, situada no leste da Ilha de Santa Catarina.

Estava meia lua preta inclinada, cheia de prata
Posicionada sobre a praia da galheta.
Na areia alma de negros e negras pretas,
Com seus paus, cus, buquetas e tetas.
Fantasmas galegos surfavam chapados na noite da galheta
E na pedra da bica eles trepavam com negros e negras pretas
Uma criança bruxa brinca longe do seu corpo
Sinhá dos anjos, tocava sino balinês para um saci
Velhos bruxos praticam yoga dentro da fogueira
Sinhá dos anjos, tocava sino balinês para o saci.

Estes seres, “fantasmas galegos”, “saci”, e principalmente “crianças e velhos bruxos” fazem parte de um universo fantástico que está gravado na memória coletiva de Florianópolis, cidade conhecida como a “Ilha da Magia”. Alcunha que ganhou relevância a partir da obra de Franklin Joaquim Cascaes. Professor, artista e folclorista, Cascaes iniciou, a partir dos anos de 1940, um processo de intensa coleta de relatos orais de pescadores, rendeiras, benzedeiras, idosos e idosas em diversas comunidades no interior da ilha no intuito de registrar a variada gama de fatores da cultura ilhéu.

O destaque aqui fica por conta das histórias sobre bruxas catalogadas por Cascaes em inúmeros cadernos ao longo de três décadas e que acabaram por suprimir os demais aspectos de sua pesquisa (Michelmann, 2015). Um exemplo disso é a publicação, em 1979, de “O fantástico na Ilha de Santa Catarina”, livro que reuniu catorze histórias e alguns dos desenhos feitos por Cascaes. Além disso, nesta obra “a linguagem do texto chamou atenção, fugindo da linguagem formal e trazendo aos leitores o modo peculiar dos antigos habitantes da capital catarinense se comunicar [*sic*]” (Michelmann, 2015, p. 32). Da mesma forma, a música do Dazaranha também reflete o sotaque e a identificação instantânea dos habitantes da capital catarinense. Por isso mesmo optamos neste trabalho em manter as transcrições das falas de seus integrantes de forma a não descaracterizar esse importante registro oral, ainda que isso se afaste da linguagem formal e acadêmica usualmente utilizada em artigos, por exemplo.

Com a morte de Cascaes, em 1983, a parcela de sua obra que se refere ao universo mito-mágico ganha ainda mais visibilidade, e nesse sentido, dois importantes eventos se destacam. O primeiro é o XVI Congresso da Associação Brasileira dos Agentes de Viagens

(ABAV), ocorrido em agosto de 1988 em São Paulo, onde “Florianópolis “vendeu” a sua imagem com o “Turismo Quatro Estações” enfocando a cidade como a “Ilha da Magia”” (Michelmann, 2015, p. 32). Ao comentar o êxito do estande no evento, o jornal “O Estado” registrou, em 24 de agosto de 1988, que “[...] foi apresentada uma “cena bruxólica”, baseada na obra do artista Franklin Cascaes, com artistas (ou recepcionistas?) caracterizados de diabos e bruxas servindo uma especialíssima sangria em caneco de barro, como sendo uma “poção mágica”. Foi um sucesso. Valeu” (Michelmann, 2015, p. 48).

E o segundo é a adaptação de textos de Cascaes para a televisão por intermédio da minissérie “Ilha das Bruxas”¹¹, dirigida por Henrique Martins e Álvaro Fugulin. Exibida na rede Manchete de televisão em 1991, apenas um ano antes da formação do Dazaranha. A minissérie, produzida no rastro do sucesso da novela Pantanal¹², buscava mais uma vez mostrar um Brasil distante do eixo Rio-São Paulo. E nesse sentido teve papel importante na divulgação, principalmente do aspecto fantástico da cultural da Ilha de Santa Catarina, embora o nome fictício da localidade rural onde se passa a trama, Santo Antônio, em nada lembre Florianópolis. Estes dois eventos ajudaram a popularizar e solidificar a imagem de “Ilha da Magia”, o que pode ser interpretado como uma das inspirações do Dazaranha para retratar o tema em suas canções.

Assim como temos destacado, a sonoridade original dos primeiros anos do Dazaranha é demonstrada mais uma vez em “Galheta”. A canção também se assemelha a um reggae, porém a base da guitarra do reggae tradicional, com batidas constantes de cima para baixo nas cordas agudas, aqui é subvertida por uma base com batidas inconstantes na guitarra. E mesmo em sua introdução, o *riff* de guitarra que aparece em destaque se distancia em muito do tradicional reggae. Outro ponto que corrobora com a perspectiva que indica originalidade na música do Dazaranha é a quantidade de variações utilizadas na bateria, alternando linhas diversas com pausas pontuais no arranjo. Há dois exemplos na canção que valem menção.

O primeiro ocorre na volta do *riff* introdutório que não anuncia a entrada do vocal como da primeira vez, aqui a bateria assume sozinha a música, antes que o *riff* introdutório apareça novamente, agora sim introduzindo o vocal. E o segundo exemplo ocorre após um dos trechos de maior impacto da letra, “Uma criança bruxa brinca longe do seu corpo”. A

¹¹ A história, gira em torno de uma ilha onde a cultura açoriana influenciou a crença em bruxas e seres sobrenaturais. A trama explora a história de um pesquisador que morre misteriosamente ao descobrir segredos sobre as bruxas, e a busca de seu filho e da viúva por respostas. A minissérie mergulha em um clima de mistério e suspense, com elementos de terror, incluindo rituais de magia negra, pragas e cenas de violência e nudez.

¹² Exibida em 1990, produzida por Benedito Ruy Barbosa e escrita por Jayme Monjardim, Pantanal foi o maior sucesso de audiência da Rede Manchete, atingindo médias de audiência que variaram entre 36 e 40 pontos, ficando à frente da Rede Globo de televisão, até então líder de audiência no horário nobre (Michelmann, 2015).

bateria silencia e o arranjo cede espaço para que somente o violino e o baixo acompanhem o vocal na passagem, “Sinhá dos anjos, tocava sino balinês para um saci”. A segunda vez em que a frase citada acima se repete, porém, já conta com a volta dos instrumentos e o preenchimento completo do arranjo, completando assim a letra da canção.

“Galheta”, assim como “Mário César” e “Shau Pais Baptiston” demonstram que a sonoridade característica dos primórdios do Dazaranha, vista por seus contemporâneos como original, autêntica e com identidade, continuou para além das apresentações ao vivo, na gravação de seu primeiro álbum, “Seja Bem-Vindo”. Além disso, buscamos demonstrar aqui, através destas canções, que a temática utilizada pela banda dizia respeito à sua atualidade e a região em que viviam, causando com isso, a identificação da banda com a cidade. Com isso, defendemos que esses dois fatores, a identificação temática e a sonoridade original, são os pilares do sucesso local e imediato da banda.

5- Considerações finais

Ao longo de sua história o Dazaranha lançou oito álbuns de estúdio¹³ e dois álbuns ao vivo¹⁴ (que ganharam também lançamentos em DVD), além de um documentário¹⁵ e uma websérie de trinta capítulos¹⁶ que estão disponíveis em seu canal oficial no Youtube. Com “Nossa Barulheira”, álbum lançado em 2004, a banda foi agraciada com o Prêmio Claro de Música Independente como melhor álbum pop. Em 2019, fizeram sua primeira turnê internacional com cinco apresentações em Portugal, nas cidades de Lisboa e Porto. Em 2021, receberam a medalha do mérito Cruz e Souza, a maior honraria cultural de Santa Catarina. E mesmo com as mudanças na formação¹⁷, a banda continua ativa, agora produzida por Rick Bonadio, produtor que lançou nomes como Mamonas Assassinas e Charlie Brown Jr, bandas de sucesso nacional nos anos (19)90 e 2000. Mas apesar do sucesso, a banda continua com suas influências carregadas pela cultura e pela vivência no estado, especialmente em Florianópolis.

Este artigo evidenciou que o Dazaranha, desde suas origens humildes no bairro Saco Grande, já buscava compor canções demonstrando sua identificação com a Ilha de Santa

¹³ “Seja Bem-Vindo” (1996); “Tribo da Lua” (1998); “Nossa Barulheira” (2004); “Paralisa” (2007); “Daza” (2014); “Afinar as Rezas” (2016); “Catarina” (2019) e “Dazaranha 30 anos” (2022).

¹⁴ “Dazaranha ao vivo” (2010) e Dazaranha 25 Anos (Ao Vivo) feat. Camerata Florianópolis (2018).

¹⁵ Soul da Caixa D’água (2017).

¹⁶ Dazaranha Websérie (2021).

¹⁷ Atualmente o Dazaranha conta com Chico Martins (Guitarra e Vocal), Adauto (Baixo), Fernando (Violino), Moriel (Guitarra Solo e Vocal), Gerry (Percussão), JC Basañez (Bateria), e Dinho Stormowski (Guitarra).

Catarina a partir das noções de pertencimento, de preservação da região, e do aspecto mito-mágico da cultura florianopolitana, fatores esses decisivos, juntamente com a sonoridade original, para o reconhecimento da crítica e do público local. Mostramos a luta por melhores condições para ensaios e gravações, obtidas num primeiro momento com a possibilidade de utilização da caixa d'água da vila Ivan Mattos como estúdio/escritório. Relatamos também a atenção dada por parte da mídia, inclusive em canais de grande circulação, como o “Diário Catarinense”, o que possibilitou o maior reconhecimento do público, num movimento de propaganda que se retroalimentava, quanto maior o público dos shows, mais atenção a mídia dava e quanto mais atenção a mídia dava, maior o público dos shows. Falamos sobre a boa receptividade com o desempenho do primeiro álbum, “Seja Bem-Vindo”, lançado em 1996, as misturas de ritmos e gênero musicais nas canções¹⁸ e as ligações com as já citadas noções de pertencimento, preservação e com o aspecto fantástico da cultura florianopolitana, em três canções publicadas no relançamento do álbum, em 2000, “Mário César”, “Shau Pais Baptiston” e “Galheta”.

Como conclusão, vimos que esses elementos estiveram intimamente ligados ao sucesso do primeiro disco do Dazaranha no âmbito local, afinal, no contexto da ilha, “discursos são estruturados e reestruturados para que o Manezinho e a herança açoriana sejam percebidos pelos florianopolitanos como uma parte indivisível da cidade” (Mota, 2018, p.176). Essa identificação foi conquistada pelo Dazaranha, transformando a própria banda numa “parte indivisível da cidade”. O sucesso local confirmado por seus contemporâneos pode ser constatado pela matéria de Carlos Moura, “Dazaranha pra levar pra casa”, publicada no “Diário Catarinense” em 28 março de 1996, quando afirma, por exemplo que:

O Dazaranha prometeu muito... e cumpriu tudo o que prometeu. É disparado a melhor banda que o estado já produziu nos últimos 10 anos, é uma pioneira na mescla do folclore com o que há de mais recente em tendências musicais, é campeão de público em shows na Ilha e em várias cidades do estado e, finalmente, o disco está na praça. Sejabemvindo (sic) é mais que um álbum: é uma afirmação da capacidade da banda em movimentar, mesclar, sintetizar e criar.[...] O álbum lançado pela RGE/RBS Discos, é um primor nos arranjos, na produção e na mixagem (Souza, 2014, p.47).

O êxito regional do disco preparou a banda para conquistas ainda maiores que viriam com o relativo sucesso nacional do seu segundo disco, “Tribo da Lua”, lançado em 1998, com a regravação de “Vagabundo Confesso”, canção de Nestor Capoeira, que na versão do Dazaranha logo se tornaria um clássico da música pop catarinense e brasileira. Podemos

¹⁸ Além dessa mistura nas canções do disco, pode-se conferir essa miscelânea também no show de lançamento do álbum, em março de 1996, onde apresentações de capoeira, percussões e danças afro, por exemplo dividem o palco com a banda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lheSTZux8ls> Acesso em: 25 abr. 2025.

dizer que esse sucesso inicial foi o alicerce que proporcionou à história da banda, tantas conquistas e a longevidade de uma banda que pode se orgulhar de dizer que nunca encerrou suas atividades. Por isso mesmo, o Dazaranha é reconhecido, há pelo menos trinta anos, como a principal banda catarinense em atividade e uma das maiores do estado em todos os tempos:-

Fontes

DAZARANHA. Galheta - Dazaranha - Seja Bem-Vindo. Youtube. 03 mar. 2015. 04 min. 31 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jeBMTkA8UXc> Acesso em: 09 abr. 2025.

DAZARANHA. Mário César - Dazaranha - Seja Bem-Vindo. Youtube. 03 mar. 2015. 04 min. 31 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VZ4XxZZnYI0> Acesso em: 09 abr. 2025.

DAZARANHA. Shau Pais Baptiston (Remastered 2021). Youtube. 22 set. 2021. 04 min. 31 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yBWNhjILo2w> Acesso em: 09 abr. 2025.

Referências bibliográficas

ANGOTTI, Bruno Simões. Avaliação Institucional do Projeto: Urbanização, Habitação e Desenvolvimento Social da Comunidade Boa Vista pela Prefeitura Municipal de Florianópolis-SC. 2017. 80p. Monografia (Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182119> Acesso: 04 mar. 2025.

BATISTA, Juliana Wendpap. “Pensando a música no tempo” reflexões a pesquisa em história e música entre os séculos XX e XXI. In: MEDEIROS, Hermano Carvalho. História e música popular. Teresina: Sieart, 2013. p.13- 42. Disponível em: https://www.academia.edu/8259735/Pensando_a_m%C3%BAsica_no_tempo_reflex%C3%B5es_sobre_a_pesquisa_em_hist%C3%B3ria_e_m%C3%BAsica_entre_os_s%C3%A9culos_XX_e_XXI Acesso em: 14 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.605/98, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF. 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm Acesso: 20 abr. 2025.

CASTRO, Guilherme Gustavo Simões de. A Banda Dazaranha: circuito musical e espaço cultural em Florianópolis na década de 90”. 2009. 194p. Dissertação (Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92992> Acesso em: 02 mar. 2025.

DAZARANHA. Websérie Dazaranha. Ep. 01 O nome Dazaranha. Youtube. 25 maio 2021. 04 min. 51 seg. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=L0akKCNHPXA&list=PLVAKYXZYkxnzwl6AVwj0knEhv31iiFBo&index=2> Acesso em: 04 mar. 2025.

DAZARANHA. Websérie Dazaranha. Ep. 02 A fita cassete do Dazaranha. Youtube. 01 jun. 2021. 05 min. 08 seg. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=MumMQownhQWI&list=PLVAKYXZYkxnzwl6AVwj0knEhv31iiFBo&index=3> Acesso em: 04 mar. 2025.

MARTORANO, Adriana. Sobre banda, falta espaço. Quem quiser sair da garagem tem que ralar muito. Jornal Zero, set. 1993. Florianópolis.

Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/zero/zerojornais/zero1993set.pdf>

Acesso em: 10 mar. 2025.

MICHELMANN, Alan Cristhian. Franklin Cascaes, a divulgação turística em Florianópolis e a invenção da "ilha da magia". 2015. 77p. Monografia (História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174733> Acesso em 11 abr. 2025.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. Revista brasileira de história, v. 20, p. 203-221, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/XLhxY7yFHnTGvYXSywvpcDm/> Acesso em: 13 mar. 2025.

MOTA, Rodrigo de Souza. Mané Beat: Coletividade e identidade Musicais em Florianópolis (1994-2016). 2018. 397p. Tese (História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205773?show=full> Acesso em 14 abr. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. História & música: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Disponível em:

https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Napolitano-historia_musica.pdf Acesso em 12 mar. 2025.

SOUZA, Marco Antonio Ferreira de. Entre a Cantoria e a Nossa Barulheira: Florianópolis nas canções do Grupo Engenho e da Banda Dazaranha (1980-2004). 2014. 148p. Dissertação (História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:

<https://pergamumweb.udesc.br/acervo/123422> Acesso em: 18 mar. 2025.